

ANO 1 | Nº 4 | 2013
ISSN 2317-5923

CRÍTICA



Comercial & Industrial : **A dieta cinematográfica nada balanceada dos baianos**

VOCÊ JÁ FOI AO MUSEU? POR CAROL VIDAL / QUALQUER SEMELHANÇA COM ARTE TERÁ SIDO MERA COINCIDÊNCIA. POR HEBER FONTES. 20 ANOS DE É O TCHAN. POR JÉSSICA NERI / LITERATURA AFRODESCENDENTE NO BRASIL. POR THIARA FILIPPO / IMPRESSÕES SOBRE URBANOS, HUMANOS, ESTRANHOS... POR VALDECK ALMEIDA DE JESUS

CAPA MÁGICA
CONCURSO CULTURAL
ENCARTE ESPECIAL

EDITORIAL

A 4ª edição do Cítrica encerra um ciclo: conclui-se a primeira previsão de números financiados pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), na intenção de oportunizar ao público e a novos críticos espaço para o exercício do debate sobre a produção artística da Bahia. Por isso, esta é uma edição especial. Há os textos de crítica, escritos sobre temas diversos, trazendo a estas páginas olhares mais ácidos, que, se cumprindo o papel desta tarefa, podem contribuir para a reavaliação de quem faz e usufrui da arte. Há páginas dedicadas ao testemunho de membros da comissão de seleção do *Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger 2012/2013*, numa análise sobre o processo seletivo da 5ª edição deste concurso realizado na Bahia e que é um dos maiores da área fotográfica do Brasil. Há, ainda, um encarte com os vencedores do concurso cultural Capa Mágica, em que artistas recriaram capas de álbuns de baianos – e como é bacana que tenham sido ideias e execuções de evidente qualidade.

Esperamos que novos ciclos se abram, que novas edições venham, que novas iniciativas similares possam surgir e, especialmente, permanecer. Esperamos que o Cítrica tenha despertado interesse, que tenha instigado reflexões, que tenha desafiado seus autores, que tenha provocado leitores. O Programa de Incentivo à Crítica de Artes continua, porque a crítica tem de estabelecer seu lugar como meio de desenvolvimento do setor artístico na Bahia. Até a próxima!

EXPEDIENTE

Editora-chefe: Paula Berbert

Conselho Editorial: Aila Canto, Alexandre Molina, Cadu Oliveira, Paula Berbert, Rosalba Lopes

Editora Executiva: Rosalba Lopes

Autores: André Bonfim, Carol Vidal, Heber Fontes, Jéssica Neri, Thiara Filippo, Valdeck Almeida de Jesus

Revisão: Cadu Oliveira, Carol Vidal, Paula Berbert, Thiara Filippo

Projeto gráfico e diagramação: Edileno Capistrano Filho

Capa: Rogério Geo

Fotos não creditadas: divulgação

Impressão e acabamento: Empresa Gráfica da Bahia

Tiragem: 6 mil exemplares

Cítrica é um periódico realizado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia em colaboração com os participantes da Oficina de Qualificação em Crítica, e integra o Programa de Incentivo à Crítica de Artes promovido pela instituição. É permitida a reprodução integral ou parcial dos textos publicados desde que sejam citadas as fontes. A escolha das pautas e as opiniões expressas nos textos são de responsabilidade dos seus respectivos autores.

AUTORES DESTA EDIÇÃO



01. André Bomfim é especialista em Análise de Cinema e TV e mestrando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela FACOM/UFBA. andre-bomfimo1@gmail.com. **02. Carol Vidal** é jornalista formada pela PUC-Rio, com experiência em redação online. Carioca de nascimento e baiana de coração, apaixonada pela diversidade artística que o Brasil tem a oferecer. **03. Heber Fontes** é bacharel em Comunicação Social com habilitação em

Jornalismo pela FAT, estudante de Especialização em Psicologia da Comunicação e do Marketing do Centro Universitário UNIARA-SP e aluno do Mestrado em Crítica Cultural da UNEB. Atua como assessor de comunicação, dançarino, ator, professor de Formação de Grupo em Teatro e crítico cultural. criticoheberfontes.blogspot.com.br. **04. Jéssica Neri** é jornalista e mestre em comunicação. Adora escrever e dar pitaco sobre o mundo. Recentemen-

te, “chutou o balde” e virou escritora freelancer. jessa.nene@gmail.com. **05. Thiara Filippo** é mestre em Letras (UFMG) e especialista em Educação a Distância (SENAC/BA). Atua como professora em cursos de pós-graduação e de formação de professores, e como revisora de textos. **06. Valdeck Almeida de Jesus** é escritor e jornalista, membro da Academia de Letras de Jequié, Fala Escritor e União Brasileira de Escritores.

COLABORADOR



Rogério Geo é artista plástico e skatista por paixão. Oriundo da cultura punk, já fez exposições fora e dentro do Brasil, carregando na bagagem suas influências vindas da espiritualidade e paixão pela natureza. Há nove anos, trabalha com suas Mixed Media. www.flickr.com/indiedead
www.cadaveramador.blogspot.com.br

PROGRAMA DE INCENTIVO À
**CRÍTICA
DE ARTES**



Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB

Diretoria das Artes - DIRART

Programa de Incentivo à Crítica de Artes:

www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica

www.fundacaocultural.ba.gov.br/criticadeartes

Contato, sugestões e críticas:

Telefone: (71) 3324-8505 | Cítrica: citrica.artes@funceb.ba.gov.br

Programa de Incentivo à Crítica de Artes: critica.cultural@funceb.ba.gov.br

Fundação Cultural do Estado da Bahia – Rua Guedes de Brito, 14 –

Pelourinho – CEP. 40.020-260 – Salvador/Bahia

MUSEUS



Memorial da Medicina Brasileira, em Salvador, é o segundo museu brasileiro com a maior quantidade de objetos

Museus: uma vastidão de histórias contadas para quem?

EM COMEMORAÇÃO AO DIA MUNDIAL DOS MUSEUS, NO MÊS DE MAIO, VAMOS DISCUTIR A FALTA DE PÚBLICO NESSES ESPAÇOS

POR CAROL VIDAL

Os museus vão de mal a pior. Parece que a máxima de que eles só vivem de passado tem afastado espectadores. E, aproveitando que 18 de maio é o Dia Mundial dos Museus, vamos nos debruçar em algumas questões sobre a escassez de público dessas instituições. Não devemos responsabilizar apenas o poder público ou creditar a falta de acesso à cultura por essa ausência, já que a quantidade de museus no Brasil não é pequena e boa parte deles tem entrada gratuita. O que ocorre, então?

Falta ao país investir em algo que faz toda a diferença: a formação de público. Como o acesso a determinados bens culturais sempre foi quase que exclusivamente destinado às classes de maior poder aquisitivo, a maioria da população ainda se sente excluída desse meio. E os números não mentem: de acordo com a pesquisa sobre práticas culturais realizada em 2010 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 7,4% das pessoas vão mensalmente a museus ou centros culturais.

Não adianta nem mesmo a possibilidade de ingressar gratuitamente para transformar esse número, por exemplo, se muitos nem sabem da existência dos museus. Ou pior: o que parece é que não se tem estímulo para visitá-los. A impressão que temos é que os museus não conseguem ser atrativos para a maioria da população. E o que acontece? As visitas ficam a cargo de pesquisadores e de alguns estudantes. E a chave pode estar nesses estudantes: será que estimulá-los à visita espontânea (sem ser parte obrigatória de alguma disciplina) não seria um começo?

Para seduzir esse público ausente, os museus precisam estar integrados a ferramentas que façam parte do seu cotidiano. **Como esperar que alguém se interesse em visitar um museu se ele tem uma divulgação precária e é impossível encontrar informações online sobre ele, por exemplo?**

E mesmo que se argumente que o acesso à internet também não é geral, utilizar esse meio é apenas uma solução, e não a única.

Vamos analisar o caso da Bahia: o estado abriga 152 dos 3.025 museus mapeados no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Desse total, 71 estão em Salvador que, junto ao Recôncavo, é onde estão localizados quase todos os museus da Bahia. Para atingir o público que não frequenta museus por habitar em bairros ou em cidades que não os possuem, as exposições itinerantes podem contribuir, minimizando essa carência.

Outro ponto a ser considerado é o grau de atratividade que o acervo exerce sobre os visitantes. Organizar exposições com características interativas e/ou que estejam incluídas, de alguma forma, na vivência das pessoas pode colaborar para provocar interesse. E não devemos esquecer os artistas contemporâneos, pois são eles os mais capazes de traduzir a visão e as experiências de quem vive na atualidade. **Cadê um espaço maior de exposição para novos talentos nos museus?**

O assunto é extenso e as considerações são muitas. Resta o desejo de que as pessoas despertem para a importância do vasto acervo cultural presente nos museus e do seu registro de quem fomos e de quem somos. E a esperança de que as discussões levantadas aqui ajudem a pensar no quanto estamos deixando de lado nossa história – não só a passada, como a atual.



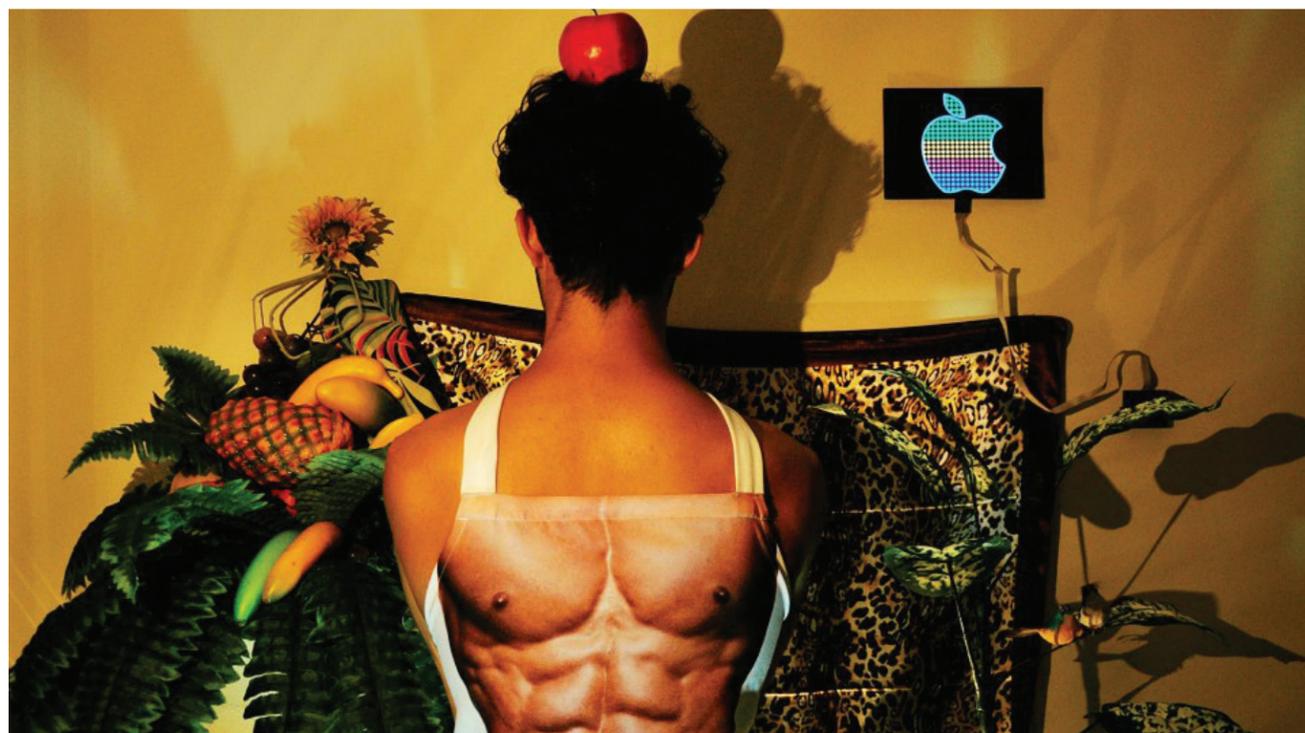
Acesse a pesquisa Museus em Números, realizada pelo IBRAM, que dá uma dimensão sobre a situação dos museus no Brasil: www.museus.gov.br/category/publicacoes-e-documentos/

DANÇA

“Qualquer semelhança é mera coincidência” subestima o público

PORTANTO, QUALQUER SEMELHANÇA COM ARTE É MERA COINCIDÊNCIA!

POR HEBER FONTES



O estilo brega reproduzido de forma unilateral

O solo de dança autoral denominado *Qualquer semelhança é mera coincidência*, de Rafael Rebouças, inicia de uma forma inusitadamente interessante: com a aparição do ator interpretando desde o foyer. A apresentação cativa incipientemente, com um tom de comicidade e interatividade com o público, especialmente pela expressão do ator, que oculta o seu notório dom de representar.

A temática embasada no ritmo tecnobrega aposta numa crítica social ao mau gosto estilístico e à cópia em

detrimento da originalidade na cultura popular. A explanação de tais referenciais foi abordada num enredo de excessiva ridicularização, decorrente da falta de esforço em aproveitar o espaço concedido, além de fraca contextualização e utilização de poucos recursos imagéticos.

A repetitividade, a má qualidade do áudio e as tentativas de apelo para chocar camuflaram o talento do performer. A pesquisa de produção deveria ter sido enriquecida com elementos cotidianos, justamente pela abrangência do tema. Portanto, qual-

quer semelhança com arte é mera coincidência!

A apresentação foi desenvolvida no projeto *Arquipélago*, do Coletivo Construções Compartilhadas, através do Prêmio Funarte de Dança Klaus Vianna, e participa da 6ª edição do projeto *Abril O Corpo*, do Teatro Gamboa Nova, espaço popular que foi estruturado no intuito de disseminar a cultura de forma mais democrática, mas que não mantém a programação atualizada no site e permite que os espetáculos iniciem com atrasos, o que decorre em ausência de público.

CONVIDADOS

No último mês de abril, foi divulgado o resultado do *Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger 2012/2013*, um dos maiores concursos para trabalhos fotográficos do Brasil, promovido pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB). Nesta 5ª edição, dentre 317 propostas inscritas, foram três premiadas: na categoria principal, “Livre Temática e Técnica”, o selecionado foi André Penteado (SP), com o trabalho *O Suicídio de Meu Pai*. Em “Fotografia Documental”, André Hauck (MG) venceu com a série *Desvios*. Em “Trabalhos de Inovação e Experimentação na Área de Fotografia”, o prêmio ficou para Letícia Lampert (RJ), com *Conhecidos de Vista*. O Cítrica convidou membros da comissão de seleção para falar da experiência deste processo seletivo e do que representam os resultados. Mais informações e imagens dos ensaios premiados podem ser vistos no site da FUNCEB: www.fundacaocultural.ba.gov.br.

Prêmio Pierre Verger: a aventura do conhecimento

POR RODRIGO ROSSONI

A fotografia é um fascinante campo de pesquisas, de produções e de paixões. Posso até cometer a heresia ao afirmar que seja muito difícil encontrar alguém que já não tenha sido fotografado ou até mesmo feito alguns cliques com uma câmera. O prazer de conseguir os instantes mais surpreendentes move a prática cotidiana de quase a totalidade da população, sejam eles fotógrafos profissionais (que atuam em um mercado lucrativo), ou amadores (que estejam interessados em registrar as belezas do mundo), ou os vorazes “cliqueadores do instagram” (que não perdem praticamente nenhuma oportunidade de registrar onde estão, o que estão fazendo ou onde gostariam de estar). Esse movimento é o que tem assegurado à fotografia a sua forte sustentação popular. Ela tem todos os ingredientes do sucesso: é fácil de ser produzida - basta clicar -, tem baixo custo e tem um potente estatuto de veracidade.



CONVIDADOS

Contudo, é justo fazer uma pequena diferenciação. Não é a paixão que envolve esse universo que quero abordar. Para os adeptos da pesquisa, mais do que paixões há uma lógica que movimenta a prática da investigação. Há a necessidade de se acompanhar os processos, os estilos, os usos e as rupturas que o fazer fotográfico contemporâneo tem produzido. Este fazer-se difere de práticas que, anteriormente, foram inovadoras no seu tempo, mas que, com o próprio fluxo do movimento de mudança da sociedade contemporânea, se abriu para novas possibilidades. Esse movimento é irreversível e, para a frustração de muitos, independente da nossa vontade, a fotografia mudou.

Aí está a grande contribuição do Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger. Em uma linguagem da ciência clássica, participar da comissão julgadora foi um grande laboratório de pesquisa. Enumero dois relevantes motivos.

O primeiro, centra-se no privilégio de ter acesso a trabalhos fotográficos de profissionais de todas as partes do país. O conteúdo dos projetos inscritos se apresentou como um inventário histórico, teórico e de práticas diversas. Um grande diagnóstico que aponta para o novo e necessário caminho que tem tomado a produção fotográfica brasileira. No seu conjunto, cerca de 317 trabalhos, e um pouco de tudo: (a) a simples investida técnica; (b) a busca pela imagem mais bela, ou mais dramática ou simplesmente instantâneos fugazes; (c) a experimentação sem propósitos; (d) a seleção aleatória de melhores imagens de uma carreira; (e) a crença na contradição da comissão, ou na sua falta de critérios; (f) e, por fim, a noção de projeto fotográfico e da constituição de uma obra fotográfica,

na qual o contemporâneo se apresenta reivindicando o seu lugar tanto no estado da arte quanto na criação que engendra a fotografia documental.

Em meio aos trabalhos, impossível não fazer comparações e chegar a algumas conclusões: existem projetos que não cabem mais, apesar de serem muito bem apresentados visualmente. Estão ultrapassados. Tiveram o seu tempo e deram suas contribuições no passado. O novo reivindica o seu lugar. Rompe com as estruturas tradicionais tanto nas temáticas como na relação com o que acostumamos a chamar de realidade. A fotografia se libertou dela e, por isso mesmo, não pode mais ficar enclausurada na função utilitária de detentora do tempo e do espaço, de momentos decisivos e belos plasticamente.

Em segundo lugar, e não menos importante, a experiência de compartilhar ideias com profissionais competentes, estudiosos e curadores de arte tornaram a semana de avaliações uma grande experiência de aprendizagem e de agenciamentos coletivos. Ali formou-se uma grande equipe em prol da fotografia. Éramos sabedores da representatividade que nossas escolhas significariam, porque sabíamos da importância do prêmio para a fotografia brasileira.

No debate de ideias sobre os ensaios ali à nossa frente agregaram-se sabedorias. Houve avanços. No respeito à divergência de ideias fluíram aprendizagens. Talvez, esteja aí uma das maiores aventuras do conhecimento na contemporaneidade.

Rodrigo Rossoni é professor da Faculdade de Comunicação da UFBA, coordenador do Labfoto e do Grupo de Pesquisa em Recepção, Crítica e Análise da Imagem Fotográfica na Facom/UFBA.



CONVIDADOS

Notas a propósito do Prêmio Pierre Verger

POR EMANOEL CASTRO

Álvaro Lins, um dos mais importantes críticos literários do país, volta e meia enfatizava a dificuldade do seu ofício, o exame da criação artística contemporânea. E esta dificuldade reside, em essência, no fato de que o ato criativo contém mais questões (antigas e novas) do que respostas; daí esse incômodo proveitoso e instigador.

É o que de imediato me ocorre ao discorrer sucintamente sobre a experiência de haver participado, na condição de jurado, de um dos mais importantes concursos fotográficos do país. Frente a uma heterogeneidade de propostas, em que cada uma delas, muitas vezes, reivindica uma particularidade própria, cabe a quem aprecia distanciar-se de quaisquer partidarismos, provido tão somente de um conhecimento que o habilite a tentar identificar a inquietude criadora porventura contida nos ensaios apresentados, levando em consideração uma visão abrangente e necessária da produção fotográfica contemporânea.

E esse procedimento foi possível no decorrer das avaliações dos trabalhos graças a um ambiente favorável ao debate em que todos se manifestaram e expressaram seus juízos. Sempre tenho em mente que os nossos entendimentos a respeito das decisões tomadas são passíveis de discordância, pois não podemos negar a falibilidade dos nossos atos de discernimento, mas, entretanto, não podemos

ter dúvida de que o discernimento é responsabilidade primeira de um membro de comissão organizada para avaliar os trabalhos apresentados.

Nesse passo, considero que os trabalhos premiados levaram a bom termo as próprias possibilidades da linguagem fotográfica, explorando e experimentando os seus recursos. Por outro lado, não se pode perder de vista que a produção da imagem fotográfica não pode ser pensada fora do contexto mais amplo da cultura.

Até o mais erudito e informado crítico de arte brasileira correu os seus riscos e equívocos. Mário Pedrosa, ao se manifestar em defesa do júri da 4ª Bienal de São Paulo, que não incluía Flávio de Carvalho em sua seleção, questionou a importância da contribuição daquele artista. Anos após, a mesma Bienal, em sua nona edição, conferiu-lhe o prêmio na categoria de artista internacional.

Inquestionável, no entanto, é o fato de que o Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger se integra às realizações da fotografia baiana e vem ao encontro de uma política de Estado que proporciona estímulos para a produção fotográfica contemporânea, ao mesmo tempo em que retoma a tradição cosmopolita da nossa cultura.

Emanoel Castro é escritor, pós-graduado em Fotografia como Instrumento de Pesquisa nas Ciências Sociais

O Outro Lado do Espelho

POR PEDRO DAVID

Foi a primeira vez que participei de uma comissão de premiação para um prêmio de fotografia. Como ganhador da última versão do prêmio, fui, como de praxe, convidado a formar parte do júri de premiação para este ano. Vi neste convite a oportunidade de finalmente conhecer o outro lado de uma prática muito recorrente em meu trabalho: a seleção de trabalhos.

Os resultados destas reuniões secretas nem sempre agradam. Nem

sempre são entendidos, principalmente quando não nos contemplam. As críticas são ácidas e, muitas vezes, é impossível afastar as desconfianças sobre perseguições pessoais, favorecimentos, e até sobre a incompetência do júri, quando este não reconhece aquele trabalho que fizemos com tanto afincio.

Agora, com a oportunidade de adentrar o ambiente sempre proibido, e desvendar os segredos de uma comissão de premiação, minha curiosidade foi afiada.

Sabia que dividiria as decisões com outros quatro colegas. Fator que dilui o poder de escolha de cada um dos membros e, por isto mesmo, diminui um pouco a responsabilidade de

cada um. Isto se pensarmos em uma decisão individual, onde cada membro vota suas preferências, e o número ímpar prevê sempre o voto de minerva para qualquer desempate.

317 inscrições, uma montanha de caixas e envelopes de todos os tipos e tamanhos. Uma semana para abrimos todos eles e escolhermos os três vencedores do Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger: um volume que me parece pequeno, dada a proporção do prêmio, um valor considerável em dinheiro, a oportunidade de produzir uma exposição individual, um catálogo... Em minhas contagens inconscientes haveria um número muito maior de fotógrafos interessados.

CONVIDADOS

A primeira boa surpresa do processo foi ver, já nas primeiras conversas com os demais colegas da comissão, que tínhamos concepções muito próximas sobre o que seria um projeto a ser premiado. Estávamos todos interessados em escolher trabalhos onde o autor sobressaísse às questões propostas em seu trabalho, onde, qualquer que fosse a questão abordada, a expressão pessoal marcasse suas pistas e deixasse vestígios de sua natureza, e que tratassem de uma forma contemporânea o mundo contemporâneo.

Pude perceber durante o processo o quanto a leitura de um portfólio pode revelar sobre o trabalho, como a fotografia fala, por si própria, sobre as questões que propõe, e como a fraqueza de um projeto mal conceituado, mal realizado, mal editado ou mal apresentado, sobressai, aparece à frente do próprio trabalho.

A imagem justa

POR MARCELO REZENDE

A ideia de um prêmio, de uma escolha, de um destaque (ou dois ou três...) frente à regularidade de um grupo pressupõe uma certa justeza das coisas... mas que justiça seria essa, o que ela pretende e qual sinal provoca, porque, como uma antena, uma premiação emite; um prêmio, isso se sabe, é um emissor de mensagens e sinais.

Com Pierre Verger, a corrente de transmissão toca diferentes questões. Aqui se fala do homem e do prêmio Verger. Há Verger e a herança, Verger e a tradição, Verger e a Bahia, Verger como parte da constituição da história das imagens do Brasil no século XX. Decidir por aqueles que devem passar a integrar e a estabelecer um diálogo direto com essa narrativa, essa é a missão dos que julgam. E, como se espera, não se trata das mais simples decisões.

Ao menos desde as últimas duas décadas, o regime das imagens (logo,

O projeto vencedor da categoria livre temática, O Suicídio de Meu Pai, de André Pentead, foi visto ainda no primeiro dia, e conquistou toda a comissão por sua qualidade técnica, conceitual e impecável apresentação. Estava claro, ali no início dos trabalhos, que estávamos diante de um dos possíveis vencedores. Mesmo sem ver todos os trabalhos, a força que o projeto trouxe consigo nos dizia que tinha toda a possibilidade de ganhar o prêmio. O projeto estava completo, bem apresentado e tratava uma questão tabu com coragem e imensa criatividade, como nenhum outro, como confirmamos dia após dia, até o final da seleção.

Tivemos a notícia que foi criada a categoria “documental” para o prêmio, pois houve um questionamento junto à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, onde dizia-se que o pró-

prio Verger não ganharia o prêmio se nele se inscrevesse. Se máquina do tempo existisse, realmente, sob nossa comissão, um fotógrafo com o olhar e as questões do século XX, por mais magistral que fosse sua fotografia, realmente não ganharia o prêmio. Como muitos outros fotógrafos inscritos, que vivem no século XXI, mas ainda olham, registram e fazem tudo para que o mundo pareça-se com o mundo do século passado, não ganharam. Fizemos então questão de selecionar para a categoria documental um trabalho de documentação de um mundo contemporâneo, um registro crítico, plástico, sobre características do mundo de hoje.

o regime da fabricação, consumo e fruição das imagens) tem sofrido acelerados processos transformativos. Os avanços tecnológicos – que estão na base da própria história da fotografia – têm gerado uma avalanche, e mesmo um dilúvio, de uma certa documentação do real. Mas, curiosamente, enquanto se assiste a essa progressão desmedida da relação entre o homem e os aparelhos (mais do que câmeras) de captação da realidade, se observa ainda o aumento de seu descarte. Na era digital há uma certa nobreza perdida. Tudo pode ser registrado e destruído em segundos, quase ao mesmo tempo, e algumas vezes mesmo por engano. A fotografia vive uma outra atmosfera: a da banalidade sem fronteiras.

Esse sintoma é visto em toda parte, a banalidade, e está presente em todas as esferas; e um prêmio de fotografia, como o Pierre Verger, participa dessa mesma condição. Ou, melhor, se vê diante dessa mesma condição porque está em contato direto com o mundo e com a perspectiva e a sensibilidade brasileiras diante desse mesmo mundo. O que o júri julga então, o que ele decide? De início, tateia e procura identificar na produção nacional estratégias de sobrevivência possíveis para que a imagem possa não ser apenas realizada, mas sobretudo pensada sob uma corrente sem fim de fabricação e abandono.

O franco-suíço Jean-Luc Godard, o gênio radical da demolição das imagens do século passado, escreveu que a única crítica possível contra uma imagem é fazer uma outra imagem; e afirmou ainda que a única arma contra a imagem banal é a imagem justa. Ao júri do prêmio Pierre Verger de fotografia não se permite fazer a crítica dessa forma, contrapondo a imagem do júri e a imagem dos concorrentes. O que seria, talvez, uma experiência de humildade, de todas as partes envolvidas. Mas isso não impede que as pessoas responsáveis pelo julgamento, pela decisão final de uma premiação, deixem de procurar esse ponto justo entre a imagem fotográfica e o mundo. Pierre Verger teria entendido.

Marcelo Rezende é diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia

Pedro David é artista visual, formado em Comunicação Social pela PUC-Minas. Dedicou-se a interpretar, através da fotografia, as relações do homem com seu ambiente.

AUDIOVISUAL

Fast-food requentado

ASPECTOS DA DIETA CINEMATOGRAFICA DO SOTEROPOLITANO

POR ANDRÉ BOMFIM

Como anda a dieta cinematográfica do soteropolitano? Uma rápida comparação entre a frequência das salas do circuito alternativo e aquelas dos shoppings já revela um farto consumo das fórmulas cada vez mais repetidas e autorreferentes do cinema comercial estadunidense. Um exemplo desse fast-food requentado é o novo filme estrelado por Tom Cruise, *Oblivion*. Na falta de uma ideia original, coloca-se numa caçarola uma porção de *Wall-E*, fartas doses de *Matrix*, um toque final de *2001, Uma Odisseia no Espaço* e voilà: sai um Xis Tudo no capricho.

Seria leviano afirmar que não existe criatividade na indústria hollywoodiana. O problema é que no seu esquema industrial, cada ciclo de inovação é rentabilizado ao máximo. O que leva à utilização de uma mesma fórmula até sua total exaustão. O resultado são períodos áridos, como o atual. Mas para a maioria dos espectadores, assistir ao cinema-clichê é como ir à sua rede de fast-food favorita. Eles já sabem exatamente o que vão levar em troca do ingresso, pickles por pickles.

Traídos pelo inusitado - O resultado de uma dieta tão calórica em mesmice é que esse espectador perde o condicionamento mental para deglutir experiências mais provocadoras. Abro um parêntese para contar a pitoresca experiência de assistir a uma sessão de *Amor*, a tocante obra de Michael Haneke, numa das salas do Glauber Rocha. A leva de casais apaixonados e munidos de sacos de pipoca já denunciava que pou-

cos sabiam o que os esperava no apagar das luzes. Ao contrário do que o nome do filme e o cartaz com a foto terna de um casal de velhinhos podiam indicar, *Amor* é uma obra perturbadora, sobre decadência e abandono no crepúsculo da vida. E Haneke é um cineasta reconhecido pelo seu estilo seco e sem concessões, classificado até como cruel.

O silêncio sepulcral dos longos planos era, já no início, quebrado pelo crunch-crunch das pipocas em bocas nervosas. À medida que o filme se distanciava do esperado, era possível ouvir a inquietude dos corpos nas poltronas e os murmúrios de indignação: “Mas que filme é esse?” ou “Isso é um absurdo!”.

Em meia hora de projeção, espectadores já saíam aos bandos, balbuciando impropérios, como se traídos pelo contato com o inusitado ou por não terem sido agraciados com mais do mesmo.

Guloseimas visuais - Essas reações denunciam três problemas sérios. O primeiro é a falsa ideia de que a arte é feita somente para o deleite sensorial, para o consenso. Como arte, o cinema também pode provocar, perturbar e questionar.

Segundo, a falta de informações sobre o filme escolhido. O mínimo de atenção à crítica, ou até mesmo à sinopse, é fundamental para uma fruição mais proveitosa da projeção. Sem informação contextual, o espectador se reduz a esse devorador de guloseimas visuais, escolhidas aleatoriamente nas vitrines dos multiplexes.

E, em terceiro, está a perda do respeito entre espectadores. **São conversas escancaradas, mastigações ruidosas e telas de tablets e celulares profanando a sagrada escuridão das salas.**

Se eu pudesse receitar hábitos mais saudáveis, recomendaria mais atenção à crítica, o exercício da civilidade e um maior equilíbrio entre o circuito comercial e o alternativo. Com uma dieta minimamente balanceada já não haveria tanto mal em encarar uma gororoba requentada de vez em quando.

MÚSICA

Os 20 anos nada tradicionais do É o Tchan

O QUE HÁ POR TRÁS DO GRUPO ALÉM DE CUMPADRE WASHINGTON GRITANDO THUTCHUTCHUPÁ?

POR JÉSSICA NERI

Em abril passado, o É o Tchan fez um show para lançar o DVD comemorativo de 20 anos de carreira do grupo. Confesso que fui pega de surpresa pela notícia: como assim o É o Tchan está “rolando” há 20 anos? Alguém acreditava que duraria dois? Para explicar minha estupefação, analisemos todo o legado, a essência da tradição, percorrendo rapidamente a trajetória dos principais integrantes.

Carla Perez: de dançarina virou multi-tarefa (atriz, cantora, puxadora de trio infantil e apresentadora); maior feito: ser a mais famosa das dançarinas do É o Tchan. Scheila Carvalho: apresentadora, mineira que se fez baiana, “figurinha fácil” em periódicos locais graças a fotos postadas em redes sociais; maior feito: ter sido eleita no Domingão do Faustão; Sheila Mello: atriz, ex-integrante do reality show A Fazenda, mulher do ex-nadador Fernando Scherer; maior feito: idem ao da companheira de mesmo nome. Jacaré: eterno dançarino da banda e atual integrante da *A Turma do Didi*, programa que é espécie de purgatório de artistas (dali, ou vão



para um lugar melhor ou somem de vez); maior feito: nunca ter desistido do É o Tchan. Débora Brasil (lembra dela?): dançarina que sumiu do grupo e evaporou no mundo; maior feito: ser ex-dançarina do É o Tchan. Beto Jamaica: músico; maior feito: o É o Tchan. Cumpadre Washington: figura folclórica local; maior feito: o É o Tchan.

Em resumo: o maior feito da chamada base do É o Tchan foi ter pertencido ao grupo. Depois disso ninguém fez nada de realmente relevante – desculpe a franqueza – e, tirando Jacaré, todos entraram numa relação simbiótica com a “entidade” É o Tchan: enquanto eles vivem dos tempos de glória do grupo, os atuais e desconhecidos componentes (que já devem somar uns 150, pelo andar da carruagem) vivem dos tempos de glória daqueles. Ou seja: o É o Tchan mesmo acabou. Ficou o nome e o sobrevivente Jacaré. Agora Beto e o nosso folclórico Cumpadre voltaram, e está todo mundo feliz comemorando os 20 anos de uma coisa que essencialmente deve ter acabado há uns dez.

Que outro grupo local substituiu o fenômeno É o Tchan? Tudo bem que o grupo não foi capaz de se reinventar ao longo dos anos, mas a cena musical local deste gênero em particular também não. Você é capaz de distinguir claramente quem é quem nesta multidão de grupos cujos nomes possuem consoantes dobradas? De todos, o É o Tchan continua sendo o nome mais forte mesmo após tantos anos, e, por isso, seus ex e atuais integrantes podem se dar ao luxo de viver da “tradição” do grupo.

E é assim, vivendo dos holofotes do passado e da necessidade do público de se apegar a um grupo de pagode local que dure mais de um carnaval, que o É o Tchan completa 20 anos tocando músicas que não mudaram nossas vidas e que atualmente só fazem sentido por terem resistido ao tempo, ainda que pela simples falta de um outro fenômeno à altura.

Pedro Magalhães

LITERATURA

Cachaça, Resmungos e Cadeira de Balanço

ANTOLOGIA CRÍTICA LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL REASCENDE POLÊMICAS ANTIGAS

POR THIARA FILIPPO

“Quem não quiser enxergar vai continuar vivendo embriagado por esta cachaça genuinamente brasileira, produzida nos engenhos decadentes: o mito da democracia racial. Pena que alguns, de tão viciados, não largam a garrafa”¹. Foi assim que o escritor Cuti finalizou sua resposta ao polêmico artigo *Preconceito Cultural* que o poeta Ferreira Gullar havia publicado na *Folha de S. Paulo*, no dia 4 de dezembro de 2011. No artigo em questão, Gullar afirmava, entre outros despropósitos: “Falar de literatura brasileira negra não tem cabimento. Os negros, que para cá vieram na condição de escravos, não tinham literatura, já que essa manifestação não fazia parte de sua cultura”².

A declaração, assim como outras coisas ditas ali, suscitou inúmeros revides, de tonalidades variadas: ora mais ferozes e virulentos, ora mais consistentes e sólidos. Teve quem argumentasse que a literatura oral é também literatura e mencionasse a tradição dos contadores de história, os griôs, da qual Mestre Didi faz parte, como Francisco Maciel³. Teve quem criticasse a “posição formalista e esteticista” e a “postura burguesa e eurocêntrica” do poeta concretista, como Eduardo Duarte⁴. Teve, ainda, quem aproveitou a ocasião para reclamar dos resmungos semanais de Gullar na *Folha*.

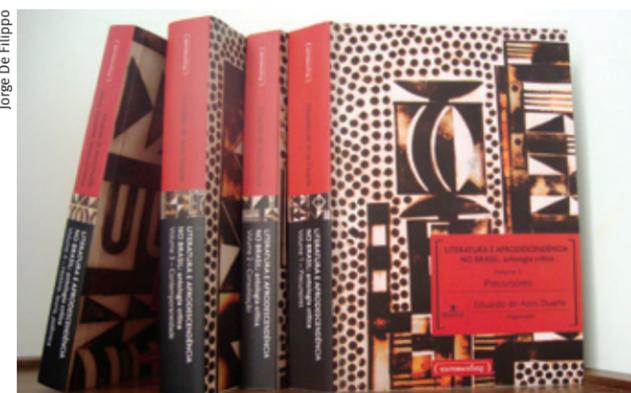
O “resmungo” de Gullar, dessa vez, parece que tinha

alvo certo: a publicação da antologia crítica *Literatura e afrodescendência no Brasil*, organizada por Eduardo de Assis Duarte, professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Fruto de um trabalho envolvendo 65 professores e pesquisadores, vinculados a 21 universidades brasileiras e seis estrangeiras (do qual fui integrante, escrevendo dois verbetes, um sobre Oswaldo de Camargo e outro sobre Antonio Vieira), a obra é formada por quatro volumes, totalizando pouco mais de 2 mil páginas. Três deles contêm dados biográficos, apresentação geral e análise crítica da obra de cem escritores afro-brasileiros, informações bibliográficas e fontes de consulta. Já o quarto volume, *História, teoria e polêmica*, traz depoimentos e textos críticos.

Considerada pelo suplemento *Prosa & Verso* do jornal *O Globo* como uma das dez melhores obras literárias publicadas em 2011, a antologia contempla também as vozes negras da Bahia. O primeiro volume, *Precursores*, traz a poética do “Orfeu de Carapinha”, Luiz Gama, e de Aloísio Resende e Mestre Didi. Já o segundo, *Consolidação*, inclui as escritoras Mãe Beata de Yemonjá, Aline França e Cyana Leahy-Dios, e os escritores Antonio Vieira, Muniz Sodré e Jaime Sodré. No terceiro, *Contemporaneidade*, figuram José Carlos Limeira, Jônatas Conceição, Hermógenes Almeida, Fernando Conceição e Lande Onawale.

A antologia foi lançada em vários cantos do país e, em Salvador, na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, em 14 de dezembro de 2011. O evento teve direito a recital poético feito por atores do Bando do Teatro Olodum, que, entre outros versos, declamou “A minha pele de Ébano é... Eu sou parte de você/ Mesmo que você me negue”⁵. Esses versos, trecho da canção de Lazzo Matumbi e Jorge Portugal, na ocasião, foram escutados em reverência silenciosa. Era a resposta que faltava para, ao menos, enrubescer a quem destila preconceitos inconfessáveis. **E, embora seja uma pergunta da escritora Cyana Leahy-Dios, bem que esta poderia ser uma nova resposta: “E o que você fez, além de falar da sua cadeira de balanço?”⁶.**

Jorge De Filippo



Os 4 volumes de Literatura e afrodescendência

1, 2, 3 Os textos *A empáfia do poeta Gullar*, de Luiz Silva (Cuti), *Preconceito cultural*, de Ferreira Gullar, e *O leninismo literário do poeta oficial*, de Francisco Maciel, podem ser lidos na íntegra em www.buala.org/pt/a-ler/polemica-acerca-de-literatura-negra-brasileira. 4 *Causa Operária* entrevista o professor Eduardo de Assis Duarte. www.pco.org.br/entrevista-da-semana/muito-de-nossa-historia-ganha-sentido-novo-quando-colocado-atraves-do-olhar-das-vitimas-da-pretensa-democracia-racial-aqui-existente/ejej,b.html. 5 Trechos de *Alegria da Cidade*, música de Lazzo Matumbi e Jorge Portugal. 6 Trecho do poema *Morro*, de Cyana Leahy-Dios. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. 2.v. p. 403.



LITERATURA

Urbanos, Humanos, Estranhos...

O LIVRO DE MARIA PRADO APRESENTA UMA VISÃO CRÍTICA DA MÍDIA E DAS RELAÇÕES SOCIAIS.

POR VALDECK ALMEIDA DE JESUS

O livro *Urbanos, Humanos, Estranhos...*, de Maria Prado de Oliveira, atíça a curiosidade pela capa de cor abóbora, cortada por uma linha diagonal, próxima de um casal que parece estar espiando por trás do fio, por trás de uma porta ou fechadura imaginária.

Entre curioso e indignado, também perscruto por trás do fio. E este misto de sensações me acompanha durante a leitura dos “contos e comentários livres”, enquanto tento seguir a autora/narradora nas festas, nos lugares e nas situações descritas no livro. E assim permaneço, durante toda a leitura, como se eu, também, pudesse ver, pelos olhos de Maria Prado, o que ela olha, vigiando o que ela vigia, com o mesmo olhar desconfiado, buscando desvendar os acontecimentos, o dia a dia de advogados, médicos, copeiros, conferencistas, empregados e patrões...

Logo de início ela nos dá a dica de seu olhar, crítico, pautado na observação filosófica, no questionamento aos padrões estabelecidos, no respeito à diversidade. Maria Prado tem seu próprio olhar, mas não aquele olhar comum, de humano comum. A linha de observação dela é a de desestruturar as estruturas, denunciar a hipocrisia e o mundo de aparências, de balançar as autarquias e de propor um novo olhar, uma nova visão, quiçá uma nova atitude do leitor diante do que antes estava pronto e acabado; propor uma revolução no mundo medíocre e pasteurizado, empacotado e vendido pela mídia.

E a mídia, tão aplaudida e bajulada por muitos, é cutucada nas linhas e entrelinhas de *Urbanos, Humanos, Estranhos...* O politicamente correto, o estabelecido, o conformismo, o viver de aparências, o “sucesso” de estar em todas as revistas, sites, TVs, rádios e jornais, tudo isso é colocado em xeque. O livro é ácido, crítico, questionador, nos faz repensar atitudes, nos reposicionarmos no mundo. E a per-



gunta é inevitável: o que estou fazendo para tornar o mundo melhor? Até que ponto eu não sou responsável, direta ou indiretamente, por tudo que acontece? Sair do conforto, fazer algo de concreto é também filosofar. E este é, em suma, o chamamento que o livro nos faz.

Maria Prado de Oliveira atuou em diversos espetáculos teatrais, apresentação de eventos e comerciais de rádio e TV. Produziu inúmeros espetáculos de teatro, música e outras expressões artísticas.



PARTICIPE DO CÍTRICA!



Envie seu texto crítico sobre a linguagem artística de seu interesse e ele poderá ser publicado em nosso blog ou nas edições impressas. Charcionistas, quadrinistas, cartunistas e ilustradores também podem enviar imagens explorando temas relacionados à crítica de artes. Consulte as orientações em www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica, na seção Participe do Cítrica, e envie o seu material.

CAPA MÁGICA

CONCURSO CULTURAL

Informações sobre o álbum: >>

Título: Masculino e Feminino

Artista: Pepeu Gomes

Gravadora: Discos CBS

Ano de Lançamento: 1983



O Cítrica perguntou: sabe aquele álbum de artista baiano que você adora ou detesta só de olhar para a capa? E propôs um concurso cultural para selecionar recriações destas imagens, com pitada de crítica e criatividade. Aqui estão as duas releituras vencedoras. Mais informações sobre elas e seus realizadores estão no blog: www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica.



Veja no blog! + Resenhas críticas, ensaios, fotografias, vídeos.

www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica



<<
Informações sobre o álbum:
Título: Muitos Carnavais...
Artista: Caetano Veloso
Gravadora: Universal Music
Ano de Lançamento: 1977



>>
Realização da releitura:
Amana Dultra
Carolina Leal
Leonardo Pastor
Marcelo Argôlo

Mais informações em:
www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica





Realização da releitura:
Leandro de Cabral Farias

Mais informações em:

www.fundacaocultural.ba.gov.br/citrica

